

Aglomerado¹

Natanael VIEIRA²

Jéssica AMARAL³

André ZULIANI⁴

Maurício Guilherme SILVA Jr.⁵

Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Tem-se nas favelas grande potencial artístico, social, cidadão, econômico e cultural. Organizadas em aglomerados em Belo Horizonte, em complexos no Rio de Janeiro e dispersas pelo Brasil inteiro, as favelas não fazem jus de todo à má fama que carregam em seus retratos na mídia. É preciso, pois, olhar com parcimônia e sem vícios. Apresenta-se, portanto, uma fotografia do alto da Santana do Cafezal – uma das favelas constitutivas do maior complexo de comunidades de Minas Gerais, o Aglomerado da Serra. Apenas uma, entre as milhares possíveis sobre um problema social antigo, recorrente, no entanto, vivaz e desconstruidor de preconceitos.

PALAVRAS-CHAVE: aglomerado; fotojornalismo; reportagem; artística; favela.

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Fotografia Artística, modalidade Produção Transdisciplinar.

² Aluno líder do grupo e recém graduado no Curso Jornalismo, email: natan.nael@hotmail.com.

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo, email: jessicah_amaral@hotmail.com.

⁴ Estudante do 8º. Semestre do Curso Jornalismo, email: arzuliani@hotmail.com.

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso Jornalismo, email: mgsj@uol.com.br.

1 INTRODUÇÃO

O Aglomerado da Serra é um complexo de vilas e favelas na região Centro-Sul de Belo Horizonte, capital mineira. Os dados acerca do número de habitantes variam entre 34 e 50 mil moradores. Trata-se, portanto, de uma cidade de pequeno porte dentro de BH. Com vida própria, o Aglomerado possui pequenos centros comerciais com lojas de vários gêneros – de casa de ração à eletrônica, de sorveteria à mobiliadora, enfim. Além disso, faz divisa com bairros de classe B e A, como o Cruzeiro e o Mangabeiras, este, conhecido pelas mansões de milionários.

Revela-se imprescindível mencionar que, no decorrer deste *paper*, teoria e contextualização relativa ao local do clique estarão em constante mesclagem. É de suma importância que se tenha ciência da condição da qual o autor da fotografia estava e, concomitante a isso, dos conhecimentos teóricos que contribuíram para o resultado final da peça.

Dito isso, faz-se importante mencionar que a fotografia foi feita durante a execução de uma pauta do jornal-laboratório Impressão – veículo experimental do Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH. Pauta que nasceu em uma reunião entre estagiários, voluntários, editores e coordenadores do periódico e que se transformou num desafio jornalístico de primeira linha. Juntaram-se ao autor da ideia, Natanael Vieira, a estagiária Jéssica Amaral e o monitor André Zuliani, todos alunos de Jornalismo do UniBH. A missão da equipe: desvendar e traduzir em uma reportagem de 4 páginas as diversas nuances do Aglomerado da Serra.

Em cerca de oito visitas às favelas da Serra, os jornalistas em formação subiram as ladeiras íngremes, passaram pelos becos apertados, conversaram com moradores, presenciaram o movimento intenso do comércio e testemunharam as verdades religiosas que se manifestaram no local nos dias em que lá estiveram.

André Zuliani é vizinho ao Aglomerado. Vive no bairro da Serra. Jéssica Amaral mora do outro lado da cidade e subiu o morro pela primeira vez. Revelava-se um mundo imenso aos olhos dos aspirantes à profissão que almeja contar histórias. Desafio que não era menor a Natanael Vieira, habitante do complexo desde os dois anos de idade. No campo da pauta, o

trio aplicou os conhecimentos adquiridos até então no curso universitário com zelo e cautela. É sabido da imprensa o temor de moradores de favelas em conceder entrevistas, embora o objetivo não fosse criar um dossiê acerca do tráfico de drogas – como é de costumeiro interesse entre jornalistas e veículos de comunicação em relação a comunidades periféricas.

As imagens que são vistas, normalmente, pelos leitores dos grandes veículos demonstram a desorganização, o alaranjado dos tijolos sem reboco e as mazelas das comunidades. Tal como na foto abaixo, de Natanael Vieira:

FIGURA 1 – Foto da vista parcial da Vila Fátima, Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte.



FONTE: acervo pessoal/Natanael Vieira.

Mas o que se mostrava gigante frente aos olhares dos alunos foi se apequenando. Isso porque eles iam se tornando parte do cenário da reportagem, os cliques iam sendo feitos, os medos iam ficando pelo caminho, enfim. Resume-se, isto posto, que a fotografia “Aglomerado” é resultante do exercício do olhar. Além da peça em questão, a reportagem que deveria ocupar quatro páginas, conquistou o dobro e se transformou no “Dossiê Aglomerado da Serra”, tendo como capa do jornal a foto defendida neste *paper*.

2 OBJETIVO

Revelar uma das faces do maior complexo de vilas e favelas de Minas Gerais, o Aglomerado da Serra.

3 JUSTIFICATIVA

A pertinência da fotografia que defende-se neste *paper* pode ser dividida entre as áreas acadêmica, social e, obviamente, jornalística. A primeira justifica-se pela necessidade de imprimir o conhecimento absorvido em disciplinas teóricas que tratam da realidade, do factual, do real-atemporal, e do engendramento entre o indivíduo enquanto universitário com o mundo o qual examina academicamente. Tal prática reside na esfera experimental do exercício do jornalismo. Mas não se omite, contudo, da sua condição ética de expor os resultados da pesquisa e da apuração em campo em função de ser acadêmico.

No que diz respeito à esfera social, a fotografia “Aglomerado” busca revelar um lado sutil da favela. Feito de uma casa da vila Santana do Cafezal, o clique mostra parte da vila Fazendinha ao fundo, barracos mais simples de um lado, marcas da intervenção do Estado do outro – os prédios construídos pelo programa de habitação do governo – e, ao centro, uma árvore ressecada pelo tempo de vida com um pássaro prestes a alçar voo. Tentou-se atender, dessa forma, por intermédio da foto, as expectativas dos moradores que participaram da reportagem supracitada em ver o local onde vivem de maneira diferente em relação às publicações “tradicionais”, da grande imprensa. Tentou-se não figurar as fontes e demais moradores como coadjuvantes numa história de tristeza, mas protagonistas de histórias humanas reais.

Tal viés advém dos conhecimentos apreendidos durante a disciplina de Antropologia e Comunicação, lecionada, à época, no segundo período do curso de Jornalismo do UniBH pela professora Maria Cristina Leite, e alia-se à observação desta matéria e do fotojornalismo. Desta experiência, depreende-se a importância em saber interpretar a imagem que se vê, devido o caráter de múltiplas semânticas que agrega. Como explica Célia Martins (2013):

Imagem. Aparentemente uma palavra tão fácil de definir, no entanto, a verdade é que engloba uma complexidade e multiplicidade de sentidos. Isto porque a imagem não é apenas o “desenho” que vemos num livro, ou a “fotografia” que acompanha uma notícia de primeira página num jornal, ou o anúncio publicitário que está na paragem do autocarro ou até, a cena de um filme muito conhecido. O vocábulo imagem abrange muito mais do que os exemplos referidos. Definir esta palavra exige pensar, recorrer às nossas memórias e conhecimentos sobre tudo e todos, implica conhecer o mundo e a aparente realidade que nos rodeia. (MARTINS, 2014, p.03).

Não somente o ato de definir a palavra revela dificuldade, mas também o objeto concreto que o termo representa e seus significados advindos das experiências particulares do leitor/interpretador. A intenção da equipe autora, por exemplo, foi mostrar outra face do Aglomerado da Serra.

À alçada jornalística, coube fazer-se expressar as demandas da esfera social da fotografia. Isto é, demonstrar de forma jornalística que o Aglomerado da Serra possui várias faces, sendo, portanto, uma delas o clique descrito no parágrafo anterior. Percebe-se na imagem a convivência entre barracos e prédios e a natureza. Nada de incomum. Entretanto, o recorte dado a tal cenário na mídia costuma ser enviesado disforicamente, ou seja, negativamente. A foto “Aglomerado” talvez choque por não ter sangue estampado, corpo estendido no chão ou por não se fazer valer de termos em títulos em letras garrafais como “tiroteio”, “tráfico”, “bala perdida” ou “drogas”. O enfoque jornalístico na peça pretende-se outro, tal como descreve Jorge Pedro Sousa (1998):

A espanhola Cristina García Rodero é das documentalistas que mais profundamente prepara os seus trabalhos. Durante duas décadas, Cristina Rodero fotografou os rituais e as festas religiosas católicas e "pagãs" da Espanha profunda, buscando o autêntico entre o visível. Ela é um exemplo do fotodocumentalismo europeu actual, que persegue a autoria e não hesita em recorrer a formas artísticas de expressão para atingir os níveis de significação pretendidos. No documentalismo fotográfico emergente, o fotógrafo observa o que o rodeia, mas assumindo um olhar questionador sobre o mundo. O significado das fotos pode, porém, escapar ao observador numa observação menos atenta ou conhecedora. (SOUSA, 1998, p. 181).

Ou seja, no exercício jornalístico que coube à equipe deste trabalho, buscou-se o autêntico e, até mesmo, a recorrência ao artístico. Ao mesmo tempo, objetivou-se instigar o

leitor/interpretador da imagem a observar um mundo já julgado como periférico, isolado, não constitutivo do plano de cidade ideal.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para o resultado final apresentado pela fotografia “Aglomerado”, fez-se imprescindível o conhecimento de certos conceitos acerca de narrativas, significações e atributos da imagem. Como já mencionado, lida-se, ao publicar um texto – quer seja escrito ou imagético – com a possibilidade interpretativa. O semiólogo Roland Barthes discorre sobre o caráter das narrativas:

Inumeráveis são as narrativas do mundo. Há em primeiro lugar uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes [...]: a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, [...] na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pintura, no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação. [...] não há, não há em parte alguma povo algum sem narrativa (BARTHES, 1973, p. 19).

Por isso, lançou-se mão de conhecimentos acerca da imagem, como citado e explicitado acima, transmutando-a e aliando-a à prática desenvolvida durante a disciplina de Fotojornalismo, lecionada, à época, no quarto período do curso de Jornalismo do UniBH, pelo professor Hamilton Flores.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A fotografia “Aglomerado” é um dos produtos finais propostos pela pauta elaborada durante a reunião entre estagiários, voluntários, editores e coordenadores do jornal-laboratório Impressão – veículo agregador multidisciplinar que contribui à formação dos alunos do UniBH.

O processo iniciou-se, portanto, com o projeto de uma reportagem: seu delineamento, enfoque, objetivo, levantamento de fontes, pesquisa, enfim. Daí em diante, optou-se, por exemplo, por não usar câmeras profissionais para o registro, a fim de não intimidar os moradores do Aglomerado da Serra e manter a discrição. No clique da peça em questão, por

exemplo, o pássaro que figura em um dos galhos ao centro poderia ter se assustado com uma câmera de grande porte.

A fotografia em si demonstra a convivência entre a natureza, os barracos e os prédios da favela. As cores vivas e quentes das edificações contrastam com o céu encoberto por nuvens escuras. Além disso, revela um pouco, ao fundo, da cadeia de montanhas que cerca Belo Horizonte, parte da Serra do Curral. O artista plástico Manfredo Souza Neto, não previa em meados dos anos 1960 em seu slogan “Olhe bem as montanhas” que a desfiguração causada pelas mineradoras seria substituída pela transfiguração da favelização. Fenômeno que só intensificara daqueles anos em diante e que seria clicado na peça defendida neste *paper*.

A partir disso, buscou-se na fotografia a produção de efeito eufórico, tal como em Ana Cristina Frick Matte e Conrado Moreira Mendes, isto é, a expressão de valor positivo na retratação do Aglomerado da Serra, por meio da figuração de edificações simples e de sua convivência com a natureza.

A teórica Ingedore Villaça Koch (2000) defende um postulado básico do qual se depreende que “o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação” (KOCH, 2000, p.25). Assim, conclui-se que a peça “Aglomerado” não pretende representar uma verdade capsular por meio de sua expressão, mas, antes, instigar o leitor a interagir, a interpretar seus códigos.

6 CONSIDERAÇÕES

Por fim, reitera-se que a fotografia apresenta um olhar com valor artístico, sutil e despretensioso sobre o cenário das favelas do Aglomerado da Serra sem, no entanto, omitir-se ao caráter documental, quando aliada à reportagem da qual faz parte. Como endosso a isso, menciona-se o fato de ter sido escolhida pelos editores para estampar a capa da edição 191 do jornal-laboratório *Impressão*, como na imagem abaixo:

FIGURA 2 – Capa do jornal-laboratório Impressão, edição 191, Abril de 2013.



FONTE: Arquivo pessoal digital/Natanael Vieira.

Tem-se, dessa forma, um produto que não se despoja de valor em função de ser apresentado em separado de seu todo. Mantém, assim, sua identidade e permanece aberta às interpretações acadêmica, social e cultural que lhe cabem, como explicitado no item 3 deste *paper*, acerca da pertinência do trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **Introdução à análise estrutural da narrativa**. In: *Análise estrutural da narrativa*. 4. ed. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis: Vozes, 1976. Coleção novas perspectivas de comunicação

FRICK MATTE, Ana Cristina; MENDES, Conrado Moreira. **Sotaque e efeitos de sentido no programa “Mais Você”**: uma análise semiótica. *E-com*. Belo Horizonte, v.2, n.2, 2008. Disponível em: < <http://revistas.unibh.br/index.php/ecom/article/view/506/291> >. Acesso em: 08 abr. 2013.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 3. ed. São Paulo: Contexto 2000. 124p. (Caminhos da linguística)

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Porto: Ed. Letras Contemporanea, 1998.

MARTINS, Célia. **A imagem fotográfica como uma forma de comunicação e construção estética**: Apontamentos sobre a fotografia vencedora do World Press Photo 2010. *BOCC - Biblioteca online de Ciências da Comunicação*, 2013. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/martins-celia-2013-imagem-fotografica-como-uma-forma-de-comunicacao.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2013.